

ITALIÁPOLIS E O MATERIALISMO HISTÓRICO

A vida na Terra é cíclica, portanto, nenhum Sistema Econômico se perpetua. A produção da vida material condiciona todos os demais processos do Grupo Social, tanto político como espiritual.

Italiápolis nasceu quando surgia o Capitalismo, viverá a Globalização e assistirá a queda deste sistema sob o pretexto de uma esperançosa evolução. Isto é inevitável.

O prof. Oliveira Viana há muito já afirmava que “o mote dos antigos era fundar povoações”, enquanto para os Sertanistas Modernos a coisa é destruir tudo.

O leitor pretendendo estudar a história de seu município deverá organizá-la em períodos definidos pelo Materialismo Histórico. A vida começa na boca e termina no ânus. Tudo o mais são vestimentas que enfeitam sonhos, cenários e romances.

Assim procuramos subdividir o passado de Italiápolis em pequenos ciclos: de 1860 a 1890 o Ciclo do Sertão; de 1890 a 1920 o Ciclo Italiano; de 1920 a

1950 o Ciclo da Guerra; de 1950 a 1980 o Ciclo Americano; de 1980 a 2010 o Ciclo da Estagnação.

Para a Historiografia é interessante que se trace paralelos comparativos entre os grandes grupos sociais. A comparação é um instrumento de medição dos graus evolutivos entre invasores e invadidos. Como somos 'crianças' e nossas terras devolutas, a ocupação será pacífica e aplaudida.

Haveria documentação, teríamos fontes, ainda que distantes para que pesquisemos o Ciclo do Sertão? Nada consta. Foi um período confuso tendo como fonte às anotações do Taunay, um 'esperto' mensageiro enviado pelo Governo Francês.

As informações do funcionário, o Sr. Visconde de Taunay, bem detalhadas e ilustradas, levaram os franceses desistirem de uma planejada ocupação pacífica do solo demarcado pela Linha de Tordesilhas.

O Ciclo do Sertão aparece na história da Ocupação Francesa numa visão diferente de fixação do homem ao solo. O Governo Francês entendia, e dessa diplomacia usou quando da ocupação da África, que "a divisa é espaço vazio e disponível".

Entre portugueses e espanhóis a Linha Imaginária das Tordesilhas, seguramente, permitiria uma ampla ocupação pacífica.

Enquanto o Pero Vaz de Caminha disse maravilhas da Terra Nova, bem mais tarde, o Visconde de Taunay,

mestre em tropologia e sem nenhum genro deportado, foi sincero em suas cartas aos 'capitalistas' franceses.

Das "Terras das Tordesilhas" transcrevemos pequeno trecho nada animador, extraído de seu livro "Viagens de Outrora" e citado por Paes Leme Junior por ser pertinente e estreitamente ligado à história das Tordesilhas de Italiópolis.

Taunay fez metafóricas descrições. "Estávamos em terras de José Francisco, cognominado o Capa Preta. A casa deste homem é uma baiúca indescritível; baixa, em ruínas, costuma reunir asqueroso bojo de cães, porcos, gatos, peles a secarem, outras apodrecendo, e todos os maus cheiros que podem ofender um olfato delicado. Ainda mais, um tremendo lameiro ao limiar da porta se estende numas quatro braças ao redor, e nele se removem capados e leitões: ao lado de tal chiqueiro fica um curral igualmente nojento ..."

"Seguimos, com efeito, sem parar, duas e meia léguas até o Ribeirão dos Porcos ... a estrada continua muito própria para ser melhorada com facilidade." (Viagens de Outrora, p. 70/71 Notas in Breves Notícias Históricas sobre Itápolis, 1.938 p. 40/41).

Com os italianos vieram o trabalho, a limpeza e a ordem. O segundo Ciclo foi coroado de êxito e a impressão deixada seria de um crescimento constante.

Em 1.907 a Vila produzira 150 mil sacas de arroz, segundo Rodolfo Morato dos Santos em seu trabalho publicado no Almanaque Lammert. A lavoura do café

Italiápolis Novela de Costumes

desenvolvera juntamente com a produção maciça de cereais. Foi o Ciclo da Fartura, da solidária distribuição de renda in natura.

Após os anos 20 principiou a Invasão Cabocla, o mau exemplo da vida urbana, o jogo, os botequins, a violência e a politicagem. Surgem casamentos fora da raça, seguem-se gerações, com raras exceções, desapegadas.

Crece o comércio de ilusões, surgem as primeiras casas de prostituição. O Café não mais sustenta o bacará, as amantes, as loucuras das viagens a Santos.

O Sr. Francisco Matarazzo, amigo e companheiro de imigração do velho Armentano, não foi recebido pelas caboclas autoridades municipais. Partiu para a vizinha cidade de Catanduva e lá instalou a sua indústria.

Em 1.929, quebra a Bolsa de Valores, morre a Lavoura do Café e se inicia o Ciclo da Guerra. Os colonizadores italianos são perseguidos e a propaganda Norte Americana invade a nossa região. De eufórica, Italiápolis passa a viver de crises, do comércio dos tostões. A solidariedade na distribuição de renda desaparece.

Segue-se o Ciclo Pós-Guerra, a onda do americanismo, do tudo em tecnicolor, de um novo ramo de atividade, as aplicações financeiras, o comércio de dinheiro. Os latifúndios passam a dar prejuízo e são abandonados. Os chamados colonos migraram-se para a cidade.

Italiápolis Novela de Costumes

O Ciclo que chamamos da Estagnação, por falta de um nome mais adequado e vivido atualmente, caracteriza-se pela falta de planejamento, pela aventura cega e principalmente pela invasão velada do Nordeste inculto que tendo começado no Rio de Janeiro, ocupou o Estado de São Paulo, busca dominar o Paraná e já estaria minando o Rio Grande do Sul.

Pelo mundo, com a chamada Economia Globalizada, lembrando a histórica Peste Negra, desenvolve-se a 'peste desemprego', sinal evidente da falência do Regime Capitalista.

Veja, com 800 palavras descrevemos um quadro, pincelamos na tela do Tempo a história econômica de Italiápolis. Ou industrializamos a nossa lavoura ou morreremos afogados numa telha d'água. Que falta nos faz o Dr. Antonio Sando.

Resumir a romântica inquietude do povo, fazer História Social, a história novelesca, a 'fiaba di costume', é uma empreita mais fácil, cheia de graça e sem maiores responsabilidades. Vamos rir para não chorar.